

O suicídio é um problema social?

Jornal da Universidade / 31 de agosto de 2023 / Artigo



Artigo | O antropólogo e professor do Departamento Interdisciplinar do Câmpus Litoral Norte Everton de Oliveira apresenta um breve histórico do tema e aponta caminhos sobre como devemos lidar com a questão

*Por Everton de Oliveira

*Ilustração: Lilian Maus/IA-UFRGS

Se você, leitor, se encontra em um período de fragilidade, sugerimos que busque [acolhimento](#) e volte ao texto em outro momento.

Por décadas, as tentativas de suicídio e as lesões autoprovocadas intencionalmente não ganharam o status de um problema social. Isso não implica que o fenômeno do suicídio jamais tenha existido no âmbito da vida social. Pelo contrário, sua existência que não era enquadrada como um problema de saúde pública. Em 2014, a publicação intitulada *Preventing Suicide*, da Organização Mundial da Saúde, apontava que, em grande parte dos 28 países que então mantinham alguma estratégia nacional de prevenção ao suicídio, tais programas haviam se desenvolvido após os anos 2000. No mesmo documento, nota-se que o reconhecimento internacional do suicídio enquanto um problema de saúde foi acentuado com a criação do Dia Internacional de Prevenção ao Suicídio, em 2003, celebrado em 10 de setembro. No Brasil, inspirada nesse dia e sob iniciativa do Conselho Federal de Medicina, da Associação Brasileira de Psiquiatria e do Centro de Valorização da Vida, é criada, em 2013, a campanha do Setembro Amarelo como o mês de conscientização e prevenção ao suicídio.

Isso fez com que, do ano 2000 para cá, o número de trabalhos voltados para a análise do suicídio crescesse vertiginosamente, a ponto de raramente ter-se um aspecto relacionado ao fenômeno que ainda não tenha sido explorado pela bibliografia. Nesses poucos mais de 20 anos, no que toca à análise do fenômeno no Brasil, grande parte dos trabalhos foram publicados em periódicos na interface entre saúde coletiva, saúde pública, epidemiologia, sociologia e, enfim, psiquiatria, que ainda responde por um número considerável de publicações de acordo com a Plataforma Web of Science (WOS).

Nesse esforço em desfazer muitos dos mal-entendidos a respeito da questão, é que a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou *Preventing Suicide*, que desfazia a relação causal entre quadros de transtornos mentais e a ideação suicida. O documento partia de uma comparação entre mitos e fatos sobre o suicídio e descartava a relação entre a presença de distúrbios mentais e a ideação suicida.

Do mesmo modo, examinando-se os fatores de risco, ganham destaque condicionantes como o acesso aos meios para cometer suicídio, a propaganda inapropriada, o estigma, a discriminação, o estresse, o abuso, a inadequação cultural, as relações pessoais conflituosas, o isolamento social, as crises financeiras e o sofrimento. Três anos após, é interessante notar, em outra publicação da OMS, como o sofrimento, em seu sentido ampliado, ganha relevo como um dos principais condicionantes da incapacidade laboral no planeta, sendo que, no que toca à depressão e à ansiedade, há uma relação direta com casos de suicídio.

A taxa de suicídios no Rio Grande do Sul saltou de 9,79 (por 100.000 habitantes) em 1996 para 12,4 em 2019, comparando-se os dados brutos de morte por lesão autoprovocada (CID 10, X60-X84), disponibilizada pelo Serviço de Informática do SUS, o Datasus, com os dados da população geral do estado, disponibilizados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (IBGE, 1996) e pela estimativa populacional, disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Para o caso nacional, o índice passou de 4,29, em 1996, para 6,3, em 2019 – considerando-se, em todos os casos, as mesmas bases de dados acima citadas.

Entre os jovens de 15 a 29 anos, segundo o levantamento do *Plano Estadual de Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio* do Rio Grande do Sul para o período de 2022-2025, o suicídio tem sido uma das três principais causas de morte nos últimos anos. De acordo com o documento, taxas de autolesões e tentativas de suicídio nessa faixa etária (224,3 por 100.000 habitantes), mesmo subnotificadas, são preocupantes, tendo em vista que a autolesão com intenção de morte é um dos principais fatores de risco para o suicídio.

E como podemos nos orientar quando temos de lidar com o tema do suicídio? Bom, nos últimos 20 anos, uma série de colegiados, conselhos, comitês, grupos intersetoriais e equipes multiprofissionais se formaram com o intuito de orientar e fornecer as informações adequadas para a população. Aqui vou citar alguns, que são uma pequena parte de um universo muito maior.

No Brasil, a principal referência é o *Centro de Valorização da Vida*. O Rio Grande do Sul conta, desde 2016, com o *Comitê de Promoção da Vida e Prevenção ao Suicídio*, coordenado pelo Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS) e pela Secretaria de Estado da Saúde (SES), que agrega uma série de atores governamentais e não governamentais a fim de coordenar as ações de orientação, pesquisa, divulgação de materiais elucidativos, campanhas e coordenação das políticas de promoção da vida e prevenção do suicídio no RS.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Centro Interdisciplinar de Atenção à Saúde (Cipas) instituiu, desde 2018, o site Saúde Mental, vinculado ao programa *Saber Viver*, que tem por objetivo a promoção da saúde e do bem-estar do corpo estudantil da Universidade.

Isso nos leva à conclusão de que é preciso, portanto, falar sobre suicídio para saber como detectar os sinais daqueles que estão em situação de sofrimento agudo. É preciso sabermos quais ações serão efetivas para prevenir as tentativas de suicídio e os casos de lesões autoprovocadas. É preciso saber que, em relação àqueles casos que infelizmente não puderam ser evitados, podemos ofertar apoio e suporte aos familiares da vítima, o que chamamos de posvenção. Mas é preciso igualmente saber sobre o que não falar e sobre como falar. E, para isso, é muito importante que todas e todos se apropriem das recomendações dos colegiados aqui citados para que nos apropriemos cada vez mais da premissa da promoção da vida e entendamos que a saúde socioemocional é, mais do que nunca, a pauta do dia.

Acolhimento

Se você está em sofrimento ou conhece alguém que esteja, pode procurar o *Centro de Valorização da Vida* (CVV), que oferece acolhimento e apoio emocional gratuito. O atendimento é feito por [chat](#) ou pelo telefone 188.

Para jovens de 13 a 24 anos, o serviço *Pode Falar Unicef* oferece escuta e acolhimento gratuito por meio de um [chat](#). Também é possível acompanhar o perfil no instagram [@canal.podefalar](#).

Para informações sobre como acessar o atendimento de saúde mental na rede pública e em centros de formação em Porto Alegre, região metropolitana e litoral norte, acesse o site [Saúde Mental UFRGS](#).

Everton de Oliveira é antropólogo e professor substituto do Departamento Interdisciplinar do Câmpus Litoral Norte. É analista de Projetos e Políticas Públicas da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, membro do Comitê Estadual de Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio, do Colegiado Gestor do Comitê de Antropologia e Saúde da Associação Brasileira de Antropologia e pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (Nupacs/UFRGS).

"As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo."

:: Posts relacionados



Como auxiliar pessoas com sinais de sofrimento emocional?



Praticando a escuta: pesquisa traz crônicas sobre os impactos da violência sexual na infância



Suicídio: prevenção, luto e construção do cuidado



loga, um caminho para revitalizar sua saúde

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 23.09.24



Paridade na consulta para a reitoria, agora adotada na UFRGS, ainda não é consenso entre as universidades federais, aponta mapeamento



Paradesporto propicia melhora na qualidade de vida e auxilia a pessoa com deficiência a projetar o futuro



Da sala de aula às ruas devastadas do Sarandi



Extensão popular para mudar a Universidade!



O futebol das gurias



Carta aos leitores | 12.09.24



Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



Estratégia para enfrentar a desinformação climática